

Semeando Sereias

O que fariam ali aqueles corpos?

Deveria ter deles me livrado, poderia não tê-los olhado mas, uma vez lá, jamais esquecê-los, era tarde.

Não que estivessem mortos e de tal estatuto meu assombro. Não estavam e do lugar sei não tratar-se de jazigo ou necrotério. Talvez um senotáfio creio e talvez por isso o incômodo estranhamento. Não era o meu caso, tinha outras razões para estranhar o lugar e sobretudo a cena. Conveniente se fazia investigar a peculiar natureza daquele ícone. Não acredito na brumosa semiologia, improváveis exegesis menos ainda.

Algumas reminiscências mnêmicas mostravam-me claramente ser eu testemunha das intenções ali presentes. Assistir aquele emblema obrigou-se a reflexão e posso assegurar que remeteu-me a quimeras. Quimeras de uma cultura. Que poder-se-ia cultivar sob aquele signo?

Sim, um fênix diria, o retorno, a recorrência, a obstinada volta!

Algo mais concreto no entanto poderia afirmar, pois lembro-me que o que vira fora o fruto de uma outra cultura, não menos estranha mas bem mais palpável. A construção de um jardim, direi. Sim, a nobre tarefa do ajardinamento-agrícola, um tanto diferente dos domínios de Arenhaim mas talvez tão intenso quanto.

Tratava eu de cultivar espécimes com o inconflável propósito dos “experimentadores ocasionais”.

— Meu prodigioso jardim prosperava e paulatinamente eu me concentrava em uma determinada raiz. Uma um tanto peculiar, antropomórfica e de prestigiosa reputação. Vulgarmente conhecida co moça do diabo ou flor dos enforcados, sabe-se deste vegetal a intensidade tóxica; dela, as qualidades afrodisíacas, inebriantes e mesmo venenosas.

Sabe-se que a Mandrágora de negra flor é o lírio que decora a porta dos infernos. Que sua raiz na forma de homúnculo feminino urla lancinante grito se arrancada de sua terrena imersão. Mas e sobretudo sabe-se que só há uma maneira de plantar tal selenácea que é germiná-la do sémen, do humano esperma, ejaculado na ereção do pênis de um enforcado.

— A tal me dedicara e o ocorrido é pois o fruto de tal cultura. O envolvimento conspícuo a decorada negra porta que me referi, por onde adentrei.

Mais uma madrugada se passara, um belo sol se via purpúreo. Dirigi-me à beira da pequena baía rochosa para o espetáculo matinal. Excessos etílicos da noite davam-me a impressão de estar internamente encharcado. O leve amarelar do sol ainda morno me propôs um adequa-

do raio, proveniente de meu corpo. Pus-me portanto a urinar um poderoso fluxo e sentir tal fluxo como elétrico âmbar a aflorar de mim.

Ruidosamente este se dissolvia em uma poça abaixo, um pequeno lago, resíduo de águas marinhas, sobre a prai lítica. Levemente ofuscado pude perceber que em tal lago flutuava um esférico objeto. Descendo alguns passos me aproximei paulatinamente daquela salobra água, onde adentrei — até os joelhos.

Meu propósito era reconhecer o rotundo objeto. Um frisson magnético percorreu minha pele. O objeto que encontrara era a minha própria cabeça decepada. Apesar do escabroso o fato, achei a propósito dali retirá-la. A tarefa mostrou-se um tanto árdua.

Meus cabelos naquela cabeça haviam crescido enormemente e, enxaguadas e imersas como estavam constituíam uma imensa carga. Não desisti porém da empreitada tratando de recolher o “mórbido troféu” enrolando os longos fios no braço. Com grande esforço retive a peça e dirigi-me a beira mar. Tomei então a cabeça pela raiz dos capilares, elevando esta sobre minha própria cabeça. Imprimi um movimento de funda e pouco a pouco fui dando linha. Formara assim a imagem de um círculo dinâmico de alguns metros. Com a determinação de gesto, arremessei a prenda ao mar para que ali encontrasse seu adequado derradeiro sepulcro.

Aturdiu-me o insucesso, o excessivo peso tornou vão o esforço pois a longa extensão de fios

aderira emaranhando-se ao sagarço e mariscos agregados às pedras. Minha outra cabeça porém tendo atingido o objetivo, flutuava. Estando ela todavia ligada aos cabelos chocava-se penosamente as rochas ao sabor das ondas do ressagueado mar. Acudi espavorido para evitar o prosseguimento de tão desagradável visão. Fiz-me ao mar e presenciei a mais um assombro achado. Não longe da cabeça em perfeita flutuação, navegava a correnteza um corpo absolutamente íntegro. Estava em perfeito estado e não apresentava qualquer sinal de violência ou putrefação a não ser a peculiar ausência do elemento que recém arremessara. Não poderia porém tratar-se do complemento de minha cabeça, não era meu aquele corpo, pois nele percebi os mais belos e bem formados seios bem como uma maravilhosa genitália feminina.

Longo tempo se passara e o que narrei veio à tona em minha mente pela visão da aguda cena na Torre da Ponte.

Encontro-me pois longe daquele jardim, longe daquela beira mar, mais longe ainda das intoxicações afrodisíacas por obscuras raízes do obscuro enforcado a ejacular por asfixia e tudo mais...

Me encontro na porta desta torre e o fenix me reaparece pois agora estou a plantar outro jardim, numa floresta mesmo, semeando sereias...

...para você Cordelia

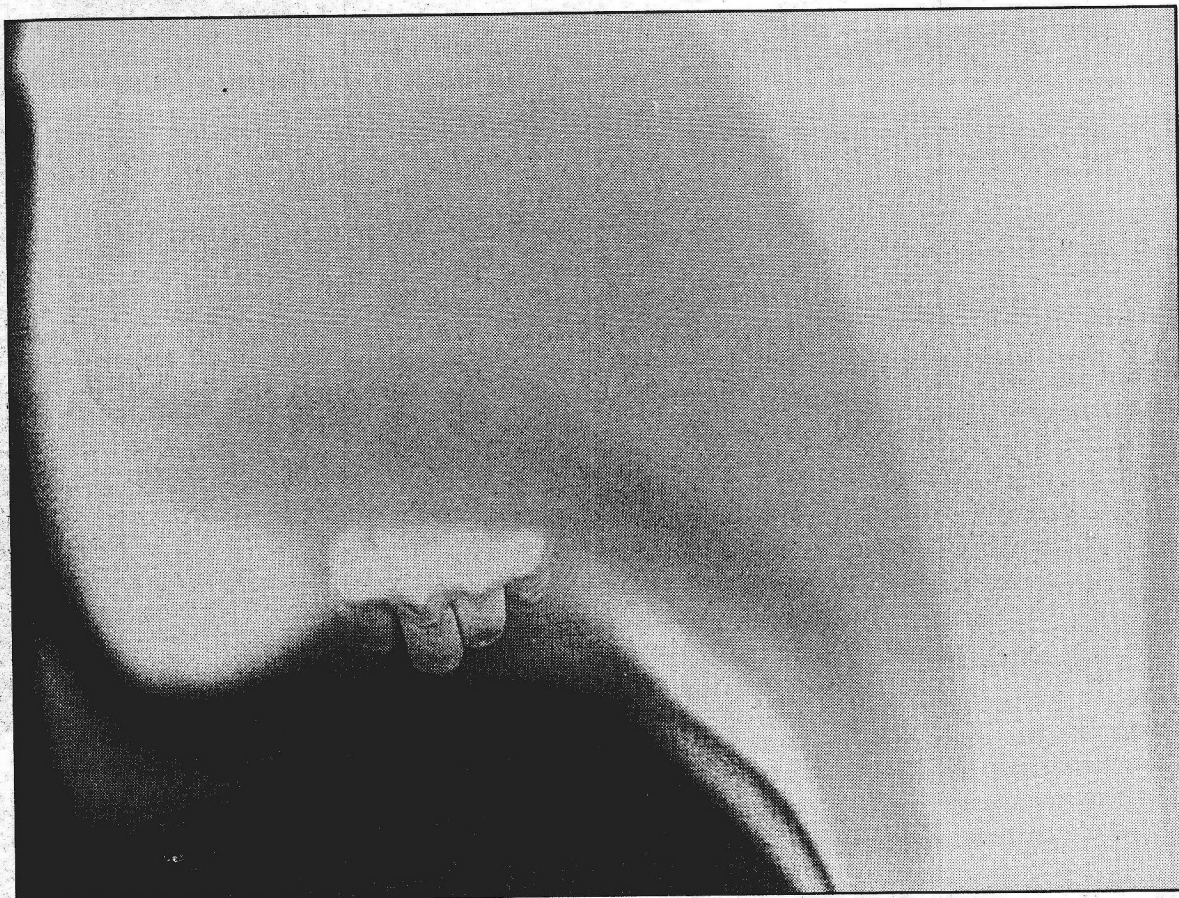


Foto de Evandro Salles